

DOSSIÊ LINGUAGENS EM MOVIMENTO: AMÉRICA LATINA, FEMINISMOS E DISSIDÊNCIAS APRESENTAÇÃO

[DOSSIER MOVING LANGUAGES: LATIN AMERICA, FEMINISMS AND DISSIDENCES:
PRESENTATION]

LUCIANA DI LEONE^{i*}

ORCID 0000-0002-4944-5903

Universidade Federal do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, RJ, Brasil

MARIANA PATRÍCIO^{ii*}

ORCID 0000-0002-0290-3188

Universidade Federal do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, RJ, Brasil

*Coordenadoras do Laboratório de Teorias e Práticas Feministas – PACC/UFRJ

Se for possível afirmar, com Donna Haraway, que todo pensamento é uma ação e também que toda linguagem é uma prática, parece necessário hoje interrogar de que modo esses pensamentos e linguagens se articulam no que vemos como uma forte presença feminista, tanto na militância política mais tradicional quanto nas políticas linguísticas, literárias e artísticas. Em outras palavras, de que modos teoria e prática se articulam nas iniciativas feministas em torno das linguagens – palavras, imagens ou performances? Como uma disputa de espaços de atuação, de direitos políticos, torna-se também uma disputa de discursos, e vice-versa? Em que sentido os feminismos contestam, reescrevem ou são capturados pela instituição literária e artística, ou pelo discurso crítico ou acadêmico? De que modo a literatura pode informar ou mobilizar, por sua vez, a militância feminista? Esse dossiê procura dar algumas respostas a essas questões.

A ênfase que se dá aqui à produção latino-americana entende que as pautas dos movimentos feministas, nos últimos anos, muitas vezes partem da América Latina, enquanto demandas que são vistas de modo situado nas heterogeneidades da região e que solicitam usos singulares das linguagens. Entrecruzando debates sobre gênero, raça, classe, corpo, capitalismo e novas formas de luta e estabelecendo “alianças insólitas” – como costuma dizer Maria Galindo – entre mulheres e dissidências, entendemos que

questionar a relação entre linguagem e práticas artísticas e políticas passa por questionar também a relação com o corpo, a natureza, o território e a nação.

Assim, pensando o feminismo enquanto uma perspectiva crítica que se debruça sobre epistemologias e saberes, inclusive os literários e os artísticos, os diversos artigos, entrevistas e resenhas deste dossiê interrogam textos, imagens, ações performativas e articulações culturais nas quais é possível observar a trama de práticas, teorias e disputas de linguagens.

Essas disputas de linguagens implicam, no entanto, não uma linguagem fora do tempo e do espaço, mas uma linguagem atravessada pelo corpo e vice-versa: de forma tão dolorida quanto luminosa é o que Ana Kiffer nos mostra em “O corpo vivo da história: tortura e feminização dos corpos a partir da ditadura civil-militar brasileira”. O texto recupera depoimentos de presas políticas torturadas na última ditadura, recolhidos nos relatórios da comissão da verdade. A tortura, nos mostra Ana Kiffer, passa por uma vexação do corpo marcada por uma condição de gênero e que, por sua vez, reduplica a feminização. Porém, as mulheres e as suas corpos que lembram deixam, além da profunda marca do horror, um traço de vida que permite realizar um trabalho de memória e de luto, imprescindível, ainda.

Sobre o luto e a linguagem possível também trabalha o texto “Le deuil et la littérature: une lecture de Clarice Lispector et Judith Butler”. Nele, Carolina Antonaci Gama interroga, a partir da leitura do conto “O mineirinho”, as possibilidades de fazer luto em relação ao familiar – mesmo que sempre in-familiar -, indo até as possibilidades do luto pelo outro, pelo estrangeiro, pelo radicalmente estranho. Assim, Gama, junto a Butler e Lispector, instala a pergunta: por quem somos capazes de chorar e de “lutar”.

Sobre a condição de estrangeira, de exclusão, e de negação dos corpos e os modos de resistir, se debruça o texto de Flávia Andréa Rodrigues Benfatti e Luiz Henrique Moreira Soares. O artigo se dedica a mostrar modos de – sem negar essa violência estrutural – narrar as corpos das trans e travestis, as suas vozes, as suas vidas. Apresentando a coleção de contos *A história incompleta de Brenda*, de Chico Ludemir (2016), que recupera personagens e histórias de pessoas trans e travestis – mesma que essa distinção se torne obsoleta –, tornando visíveis outros modos de simbolizar o corpo.

Com esse mesmo intuito, Caio Riscado desdobra a sua leitura do livro de poemas *Panaceia*, da escritora, de Cecília Floresta, publicado pela editora urutau, em 2020. Riscado aponta nos poemas um emaranhado de palavras/conceitos que desenham dissidências no modo de lidar com as corpos e a linguagem, expandindo o aparato sexo-discursivo de identidades marcadas como desviantes, para apontar modos menos autoritários e normatizados de estar e agir com o mundo. Como uma outra genitália, os dedos; como outra forma do gozo, os frutos; como outra forma de caminho, a encruzilhada.

“Meu corpo é uma encruzilhada” diz Gloria Anzaldúa em *Borderlands*. E é nessa referência onde corpo, linguagem, o acesso a outros modos dos mundos, e a própria rua que se produz um cruzamento, uma encruzilhada política. Assim parecem funcionar os grafites da iniciativa feminista militante boliviana Mujeres Creando analisados por Bárbara Matias em “Inscrever-se às ruas”. Como no caso de Anzaldúa, mas também de todos os artigos do dossiê, Bárbara Matias sublinha a importância de ver nas articulações das linguagens propostas modos de conhecer, epistemologias, que não respondem aos parâmetros de desenvolvimento unidirecional, de separação entre corpo e pensamento, de matrizes de herança patrilinear, nem de dicotomias que – no máximo – colocam às mulheres e às dissidências em condição de vítimas. Os grafites das Mujeres Creando, então, permitem apontar para outros modos de pensar as potências e os afetos.

Destaquemos, nesse sentido, o artigo de Nayla Vacarezza. Publicado originalmente em espanhol, em 2018, como parte do livro. *Aborto: aspectos normativos, jurídicos y discursivos*, coordenado por Daniel Busdygan, “Talos de salsinha, agulhas e comprimidos. Objetos e afetos na produção visual a favor da legalização do aborto na Argentina” aponta – na leitura de imagens levadas para o espaço público em apoio à luta pelo direito ao aborto seguro – para outros afetos. Ou melhor, para modos não normatizados de associar objetos, atos, pessoas a determinados afetos. O aborto e a luta a favor dele podem ser associados não apenas à condição de vítima, à dor, à morte; existem modos de pensa-lo na chave da autonomia, da ajuda mútua, do cuidado e da alegria. Podemos, como no uso dos dedos de Cecília Floresta segundo Caio Riscado, sentir as partes do corpo, o corpo, os objetos, o mundo, de outros modos.

Seria possível criar modos feministas de pesquisa e escrita? “Uma bibliografia feminista latino-americana contemporânea comentada”, resultado de um experimento de pesquisa e escrita coletiva do Laboratório de Teorias e Práticas Feministas (PACC-UFRJ), procura dar um destino possível a esse questionamento. Para compor o texto, algumas das integrantes se debruçaram sobre questões que, sendo colocadas de modo situado por pensadoras e militantes feministas da região, hoje aparecem como centrais para muitos dos feminismos transnacionais. Sem pretensão de esgotamento das questões nem de estabelecimento de um cânone de temas, essa bibliografia comentada baliza, principalmente, alguns dos nossos interesses e aponta alguns caminhos que ainda achamos necessário percorrer. A bibliografia não compõe uma cartografia que dá conta da produção dentro de um território, mas procura por em relação pontos de partida que passam pelo reconhecimento da diversidade de linguagens, práticas e contextos que atravessam o feminismo latino-americano. É essa diversidade que é possível reconhecer nos textos de Cherrie Moraga, Lélia Gonzalez, Ochy Curiel, Adriana Guzmán e Leticia Paredes, Silvia Rivera Cusicanqui, Cristina Carrasco, Gabriela Cabezón Cámara, Gladys Tzul Tzul, Susy Shock, Mariela Solana e Nayla Vacarezza, Maria Elvira Díaz Benitez, Valeria Flores, e Sara Garcia Gross.

Essa mesma atenção que guia o livro da Marcela Fuentes, *Performance Constellations: Networks of Protest and Activism in Latin America* (2019) resenhado por Marcela Filizola, onde performances na praça pública, intervenções nas redes sociais, e a coletividade são questões constelacionais urgentes.

Por último, e para entender as linguagens em movimento no seu sentido mais literal, decidimos incluir uma série de entrevistas com coletivos ativistas e/ou artísticos que intervêm nas ruas de diversas cidades de América Latina: Colectiva Hilos (México); La Perrera e Natália Iguíñiz (Perú); Brigada de Propaganda Feminista (Chile); Papel Mulher (Brasil); La lengua en la Calle (Chile). As perguntas, articuladas por Mariana Americano, Mabel Boechat e Luciana di Leone, do Laboratório, procuraram se imiscuir nos “entres”, nas articulações, entendendo as vontades de vinculação entre os coletivos e o espaço público, entre as próprias membras dos coletivos, entre as diversas linguagens e entre estas e a temporalidade das ruas. Imagens fabulosas, por sinal, que nos deixam imaginar a potência das linguagens, das línguas, das corpos, nas ruas.

Desse modo, os textos deste dossiê organizado pelo Laboratório de Teorias e Práticas Feministas nos fazem constatar, mais uma vez, a fertilidade do momento para a exploração de articulações, que também pode ser observada na forte disputa do espaço editorial levada adiante por mulheres; na tradução de escritoras mulheres feita por tradutoras mulheres que tem alterado a relação de forças de visibilidade da literatura; no movimento internacionalizado Ni una menos que utiliza diversos recursos tradicionalmente poéticos como ferramenta e como espaço de militância, que varia em cada contexto; nos diversos Slams no Brasil que reconfiguraram os espaços de enunciação e as vozes; nas pesquisas na universidade que têm disputado não apenas os temas mas também as perspectivas críticas no espaço acadêmico.

Nada disso diminui a necessidade de continuar repudiando o racismo, a misoginia, a lgbtqi-fobia, a xenofobia contra pessoas que vem das regiões andinas de América Latina, ou da África. Nada disso, diminui a violência escancarada contra tudo o que seja dissidência. Porém, tudo isso faz com que a imaginação de desvios, com que a linguagem colocada em movimento ainda nos ajude a resistir e a viver com algo de felicidade, uma vida feminista (AHMED, 2021).

Referências bibliográficas

- AHMED, Sara. *Vivir una vida feminista*. Trad. Tamara Tenenbaum. Buenos Aires: Caja Negra, 2021.
- ANZALDUA, Gloria. *Borderlands/ La frontera*. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.
- BUTLER, Judith. *Corpos em aliança. E política das ruas. notas para uma teoria performativa de assembleia*. Trad. Fernanda Siqueira Miguens. São Paulo: Civilização Brasileira, 2018.
- GAGO, Verónica. *La potencia feminista*. Buenos Aires: Tinta Limón, 2019.

HARAWAY, Donna. *Ciencia, cyborgs y mujeres. La reinvencción de la naturaleza*. Trad. Manuel Talens. Cátedra: Madrid: 1995.

ⁱ **Luciana di Leone** é Professora do PPG em Ciência da Literatura, UFRJ. Doutora em Literatura Comparada, bolsista Jovem Cientista FAPERJ. Co-coordenadora do Laboratório de Teorias e Práticas Feministas - PACC/UFRJ. E-mail: luciana.dileone@letras.ufrj.br

ⁱⁱ **Mariana Patrício Fernandes** é Professora do PPG em Ciência da Literatura, UFRJ. Doutora em Literatura Brasileira (PUC-Rio). Co-coordenadora do Laboratório de Teorias e Práticas Feministas - PACC/UFRJ. E-mail: maripatricio22@gmail.com